

Domingo 13/7/86

A mulher e a artista em dois extremos distintos



por Albano Naroromele (texto) e Carlos Calado (fotos)

É, possivelmente, difícil descobrir o homem ou a mulher por detrás do (a) artista, já que a evidência desta última faceta é, quer se queira, quer não, mais forte aos olhos do público. Em Joaquina Siquice, uma das estrelas mais notáveis da Compa-

nhia Nacional de Canto e Dança, tal dificuldade é importante: para ela, a artista e a mulher ocupam dois extremos distintos na sua vida, e não uma coisa atrás ou a frente da outra. O que se segue é o resumo de uma conversa sobre um dos extremos, a mulher.

Conhecem-na mais por Siquice. Não é que não admira que lhe tratem por «Quinita», mas este tratamento suscitaria uma confusão lá na Companhia Nacional de Canto e Dança, onde «há duas Joaquinas». Ela e a chará tiveram que se resignar em prol do entendimento, contentando-se cada uma com o respectivo apelido.

Convencemos, pois, a Siquice a falar connosco, quase com um pé no avião. Ela estava a algumas horas do embarque para uma digressão pelo País. A Companhia, de que faz parte, leva ao público de diferentes pontos da RPM a peça N'Tsay, expoente máximo, até ao momento, do trabalho artístico daquele agrupamento cultural.

A conversa teve que partir da peça, na qual Siquice desempenha precisamente o papel de N'Tsay, ou seja Rainha, Mãe, que, para a artista, «representa Moçambique».

— E nesta peça onde me sinto mais realizada — diz-nos ela e justifica-se: — Pela primeira vez sinto que o papel que desempenho é de grande responsabilidade em todos os sentidos.

Calma e modesta, Siquice eleva para um plano primário a opinião pública, classificando-a de contributo principal para a aquisição de um nível de qualidade aceitável no desempenho do seu papel. Referiu-se naturalmente à importância dos conhecimentos técnicos, do talento, da vontade, «mas só isso não bastaria» — insiste.

— Pedi opiniões às outras pessoas ligadas à arte — prossegue — e a amigos que, embora não sejam artistas, já me tinham visto a actuar em N'Tsay, e noutras peças anteriores. Mais do que uma opinião artística que essas pessoas possam dar, eu considero que elas têm uma ideia da peça em geral e do meu papel em particular. Além dessas opiniões, temos obviamente discussões na Companhia, ensaios, etc.

Enquanto os minutos se consomem, impõe-se-nos a convicção de que a nossa interlocutora não é aquela figura de expressão mítica, a N'Tsay cheia de autoridade e serenidade próprias de uma rainha

A MULHER

mais e, agora que vou para as províncias, acredito poder evoluir ainda mais, porque espero pedir mais opiniões» — diz ela.

Quando estou no palco, acho que devo cumprir a minha tarefa o melhor possível



africana, aque'a personagem preñhe de vida e movimento inventivos, a dançarina ou bailarina de gestos livres em pleno palco:

Siquice depara-se nos espantosamente simples e, até, «um pouco acanhada, como dizem as pessoas quando me vêem na rua» — reconhece ela, antes de acrescentar: — Eu não sei explicar. Quando saio do palco, sou uma mulher como qualquer outra. Conheço artistas moçambicanas que, mesmo na rua, na rotina do dia-a-dia, continuam artistas. Eu não: apenas sou artista no palco.

A conversa mudara, portanto, de rumo. Agora falávamos de Joaquina Siquice, a mulher real num extremo distinto daquele que é ocupado pela ar-

tista numa só pessoa. Tem 30 anos a nossa interlocutora e é casada há cinco anos.

— Sou dona de casa como outra qualquer — afirma. — Já lhe disse que não sei explicar, mas posso dizer que, quando estou no palco, acho que devo cumprir a minha tarefa o melhor possível. Fora dele, na rua, em casa, sinto que a coisa deve ser diferente. Note, por exemplo: em palco eu visto-me duma maneira, mas nada pode inibir os meus

gestos perante o público. Fora eu esqueço-me que tinha, por exemplo, as pernas à vista quando estava no palco. Não penso, pura e simplesmente nisso, e, coisa curiosa, nem faço esforço para ser diferente de um momento para outro.

Como dona de casa, como mulher casada, membro de um lar como qualquer outro, Siquice «gostaria de ser mãe», aspiração que ainda não se concretizou.

PURO EXAGERO

Segundo disse, faz parte das suas obrigações como dona de casa, acordar às cinco horas todos os dias, «arrumar a casa e preparar o chá para o meu marido». Embora precise apenas de 30 minutos para ir ao serviço e vice-versa, geralmente não almoça em casa, tal como o marido. Sente-se «uma mulher livre e emancipada» e acha que o lobolo (e'a não foi lobolada) é uma oposição à liberdade.

Como divertimento, sobretudo aos fins-de-semana, adora a música e, quando vai às festas de amigos, quase considera ser dever dançar. Gosta também do futebol, mas só vai ao campo quando tiver um carro à disposição. É alérgica aos empurrões nas bichas dos machimbombos, ou então à espera inútil pelos autocarros.

— Tenho visto mulheres grandes a andar de calções apertadíssimos e curtos nas ruas. Andam com vestidos transparentes, ou então, tendo um vestido bem razoável preferem puxar para cima. Talvez eu esteja u'trapassada, mas mesmo assim, acho que algumas mulheres exageram — queixa-se Siquice.

Para e'a, a beleza de uma mulher só é possível quando esta «se vestir como deve ser» e não como pensa que pode despertar o interesse dos homens. Ela, que nunca andou com vestidos puxados para cima, transparentes, ou de calções apertadíssimos e curtos, ouve sempre os homens a dizerem-lhe: «Estás bonital».

E acredita que sim, além de agradecer o galanteio que, como qualquer outra mulher, lhe faz bem. Vai até um bocadinho mais longe ao ter «a certeza absoluta» de que se estivesse ao lado de uma mulher «com tudo à vista» e ela no seu vestido decente, o homem que se lhes dirigisse havia de fazer a sua eleição sincera nela e não na outra.

— Não é assim? — pergunta a ela, sem nos dirigir, naturalmente, a palavra em particular. Seja como for, se, durante a conversa, ocupássemos o lugar de entrevistado, responderíamos que «claro que é!»

Quer a Siquice queira, quer não, há um facto irrefutável que serve de elo de ligação entre a mulher e a artista que habitam nos dois extremos distintos da sua vida. Esse facto é o sorriso permanente e espontaneamente encantador de uma mulher.

Feita esta ligação, e não confundis, tivemos que deixar a mulher em paz e abordar a artista sobre o seu sector de trabalho. Siquice mostra-se muito reservada quanto a esta parte da conversa. Acha que não tem nada que se meter onde não é chamada, por exemplo, falar sobre as actuais condições de funcionamento da Companhia Nacional de Canto e Dança, embora saiba que há muitos problemas.

— Para já — diz ela — não temos a nossa própria sede. Funcionamos na Casa da Cultura. Tínhamos de ter balneários, recintos para mudar de roupa e outras condições que não existem na Casa da Cultura. Mas nós compreendemos a situação do País. O que devemos fazer é continuar a trabalhar para ter a nossa sede. Enfim, não sei nada, mas nós não pertencemos à Casa da Cultura.

Uma das fundadoras da Companhia Nacional de Canto e Dança, é possível que Siquice chegue a ver o seu sonho realizado ainda como artista no activo. É que ela supera a idade (30 anos) com a sua «muita vontade de dançar»